

IAIÁ GARCIA: PODER, SUJEITO E TERRITÓRIO NO ENSAIO DA "VIRAVOLTA" MACHADIANA

Um ponto de vista territorial: uma literatura interessada nos "problemas do dia e do século"

É possível pensar numa espécie de Machado de Assis "geógrafo", conectado a questões espaciais – da paisagem ao território social –, na mesma medida em que se fala de um Machado "historiador", refletindo questões sociais e políticas de seu tempo (A. Pereira, B. Broca, R. Faoro, R. Schwarz, J. Gledson, J. A. Pasta, S. Chalhoub, entre outros), porquanto espaço, tempo e sociedade se entrelaçam como matéria e forma objetiva da elaboração estética? Entre a "pouca cousa" do passado e a "cousa nenhuma" do futuro dos sujeitos (sejam subordinados como Estela ou proprietários como Brás Cubas), existem mediações sociais e territoriais específicas de um país capitalista-escravista. Este ensaio busca analisar os gérmenes desse entrelaçamento complexo na forma e na trama de *Iaiá Garcia* e dar algumas indicações de seus desdobramentos estéticos nas obras da segunda e grande fase.

Para começar, lembremos da tese de Antonio Candido sobre nossa "literatura empenhada", da tradição patriótica e edificante de nosso romance, que

*tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e peripécias do que em certas regiões tornadas literárias, a sequência narrativa inserindo-se no ambiente, quase se escravizando a ele. Esta vocação ecológica se manifesta por uma conquista progressiva de território.*¹

À primeira vista, com Machado parece que nos distanciamos muito desse ponto de vista que busca "fixar literariamente a paisagem, os costumes, os tipos humanos", já que o escritor *superou* os traços de localismo como um limite de nossa literatura em formação. Ao cabo, diz Candido, as coordenadas do "grande romancista" não eram mais

as do "espaço geográfico ou social, mas simplesmente humano, que os engloba e os transcende".² Num famoso ensaio, Machado constatava em nossa literatura e, de certa forma, lamentava e reprovava, o predomínio da "cor local", bem como o "desinteresse" ou a "isenção" em relação às "tendências políticas" e "questões sociais" mais amplas "do dia e do século", pois "alheia às crises sociais e filosóficas" – parecendo apontar para a necessidade de uma ficção mais analítica, empenhada de uma outra maneira na realidade local, para além das convenções românticas, do descritivismo do romance regionalista e de costumes etc. Ao escritor, deve-se exigir "um certo sentimento íntimo" do país.³ Assim, parece que desde cedo um ponto de vista "geográfico" e "territorial" estaria descartado, pois teria um baixo rendimento analítico. Então, S. Romero, A. Grieco, entre outros, estariam certos ao negarem a relevância de Machado como pintor da paisagem e dos costumes locais? Ou ainda, Machado romperia com os traços fisionômicos da matéria brasileira e teria a ver imediatamente com questões universais, humanas, morais, existenciais e literárias? A meu ver tais questões nascem superadas a partir deste texto seminal de Machado, bem como pelas contribuições de J. Veríssimo, Araripe Jr., L. M. Pereira, R. Bastide, M. Tati e tantos outros. É o que Candido sintetiza quando integra Machado no programa de engajamento literário nacional, como ponto culminante de nossa formação – um escritor que, na "continuidade da ficção romântica", "deu o exemplo de como se faz literatura universal pelo aprofundamento das sugestões locais".⁴ Um passo além, e sem prejuízo da mediação universalizante, a chamada crítica "histórica" ou "sociológica", na linha de Schwarz e Gledson, tem buscado mostrar como tais traços locais são enriquecidos e elevados a uma fisionomia social e psíquica do país, propriamente estrutural, num amplo trabalho de formalização artística, que conectava o nacional com o desenvolvimento desigual do capitalismo em plano mundial. O passo que se tentará dar aqui é mostrar que, em tal análise fisionômica do sujeito e da sociedade locais, algumas mediações especificamente *territoriais* da dominação social

¹ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. v. 2. São Paulo: Martins, 1959. p. 114. Grifos meus.

² Ibidem, p. 115.

³ "O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço." ASSIS, Machado de. *Notícia da literatura brasileira – instinto de nacionalidade [1873]*. In: _____. *Obra completa*. v. 3. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. p. 819.

⁴ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, cit., p. 118.

ganham, na obra machadiana, enquanto parte da *matéria* e do *conteúdo literário*, certa força determinante de sua *forma*.

A forma social da forma literária: história, geografia e dominação social

A base de dominação social das elites brasileiras no século XIX reiterou dois de nossos traços coloniais mais fundamentais: o trabalho escravo e a apropriação oligopolista da terra, seja pela mediação do favor, da violência, da fraude ou do dinheiro. Para além dos escravos, o poder monetário e patriarcal ainda subordinava a si agregados, dependentes e homens livres pobres. Assim, no Brasil, a dominação capitalista, posta pela forma da mercadoria, regida pelo metro abstrato e impessoal da concorrência, é mediada pela permanência da dominação patriarcal, clientelista e escravista, cujo lastro é fortemente pessoal e local: relações de dependência e dominação direta sobre o outro, relações de favor e compadrio, sob a cobertura de valores católicos e familistas, relações condicionadas pela força do privilégio e do prestígio, pelo domínio geral da opinião, do discurso retórico, da visibilidade e do imaginário do poder imediato, que é assim fortemente personalizado e corporificado. Relações, enfim, concretizadas em âmbito rural e urbano a partir de algumas *matrizes territoriais* fundamentais da família patriarcal: a casa-grande e o sobrado (para usar elementos conceituais de G. Freyre), suas relações com a vizinhança, a rua e os lugares públicos, no interior de uma esfera pública bastante diminuída, um tanto rarefeita, sendo os números baixíssimos de alfabetização, mobilidade social e participação política efetiva alguns índices da atrofia histórica geral de nossa formação social e cultural – em última instância, índices do malogro da formação de sujeitos ou indivíduos "autônomos". Ademais, em outro nível, o elemento "territorial" de nossa formação social se reforça com a figura tomada pelo Estado monárquico, comprometido com a manutenção e a expansão duma enorme unidade nacional, fragmentada em regiões, mais ou menos isoladas. A base social dilacerada e antagônica do escravismo era reproduzida por uma integração territorial forçada e algo instável, que esmagava todo tipo de fragmentação e rebelião social, garantindo os negócios, a reprodução dos poderes oligárquicos regionais e, até onde foi possível, as relações de produção escravistas. A nação, aqui, tornava-se pura ideologia. Da mesma forma, como aponta

Schwarz⁵, as molas ideológicas do individualismo e do liberalismo, a matéria objetiva do romance europeu, estavam aqui emperradas, bloqueadas, deslocadas de seu funcionamento "orgânico" ou "adequado" (diferentemente do contexto da sociedade burguesa europeia).

Nesse sentido, o poder de conservação da ordem patriarcal-escravista funciona de modo esmagador, buscando eliminar a possibilidade da diferença, da oposição e da mudança – do próprio *tempo histórico* afinal –, reduzindo o outro à vontade senhorial, às injunções dos mais fortes da ocasião, segundo as normas e os valores estabelecidos. Daí a labilidade caprichosa das personagens e a reversibilidade dos opostos, que não se faz sem violência: "O outro é o mesmo ou, simplesmente invertendo, o mesmo é o outro".⁶ Eis o núcleo duro do universo ficcional de Machado de Assis. A noção geográfica e política de "território"⁷ ganha, aqui, força analítica: as lutas sociais entre senhores, dependentes e escravos resultam de cálculos de interesse, estratégias e manobras táticas astuciosas, silentes, abafadas – o que o escritor apresenta de modo cômico-fantástico e muito estridente em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, para em seguida reduzir novamente o volume, sem nunca perder a ironia e o humor ou a possibilidade de reversão da história no mito e na metafísica (como em *Quincas Borba* e *Esaú e Jacó*). Se tais cálculos e estratégias, que entrelaçam interesse burguês e reprodução da vida na família e na ordem patriarcais, buscam a instrumentalização do outro como meio de ascensão e/ou reprodução do poder, pendendo muitas vezes para o prazer imediato, seja em compensações imaginárias, prestígio ou glória indiscriminados – o gozo de uma "supremacia qualquer" –, por outro lado, dissimulam os sofrimentos, escondem as alienações, reprimem as mutilações do indivíduo, em todas as classes e âmbitos sociais, produzindo um espaço social minado, antagônico, sempre demarcado pelo poder. O íntimo convívio no *espaço doméstico patriarcal* impõe à trama suas coordenadas, suas normas e seu ritmo de desenvolvimento. Uma espécie de "guerra" de baixa intensidade, com alguns picos, pontos de crise e transformação, apesar da inércia estrutural, que é a do país em modernização restringida ou "modernização

⁵ Cf. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas* – Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro [1977]. 5. ed. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2000, [parte 1](#).

⁶ Cf. os desdobramentos de: PASTA, José A. Volubilidade e ideia fixa – o outro no romance brasileiro. *Revista Sinal de Menos*, n. 4, 2010 (disponível em www.sinaldemenos.org – acesso em 15.04.2010).

⁷ Para os desenvolvimentos do conceito de território social, numa perspectiva foucaultiana de poder: RAFFESTIN, Claude. *Pour une géographie du pouvoir*. Paris: Librairies Techniques, 1980.

conservadora". A metáfora machadiana mais célebre para esse processo de luta e crise social aparece em *Quincas Borba*: a luta social-darwinista de duas tribos por um campo de batatas – a guerra de *supressão do outro* para a autoconservação – e a legitimação do vencedor em dois lemas opostos e complementares: "Ao vencedor, as batatas" e "*omnia bona*".⁸ Para além da interpretação formalista ou existencial, vale reiterar, o referente objetivo dessa "guerra de morte"⁹ é a modernização capitalista num Império patriarcal-escravista e, mais precisamente, as formas de reprodução dessa ordem em momentos decisivos de crise e mudança (Cessação do tráfico negreiro, Guerra do Paraguai, Lei do Ventre Livre, Abolição, República). De modo imanente à forma dos romances, esses pontos de reviravolta social aparecem concentrados na ideia fixa do emplasto, no delírio e na morte de Brás Cubas (*Memórias póstumas*); no Humanitismo e na loucura e morte de Rubião (*Quincas Borba*); na morte de Escobar e no ciúme delirante de Bento Santiago (*Dom Casmurro*); na estéril "luta de morte" entre Pedro e Paulo e na morte de Flora (*Esau e Jacó*); na liquidação da fazenda Santa-Pia e na emigração de Tristão e Fidélia para Portugal (*Memorial de Aires*).¹⁰

A narrativa machadiana permite-nos reconstruir de modo singular algumas *mediações territoriais* da cultura e do sujeito brasileiros, que transcendem a simples paisagem ou cenário – mediações, salvo engano, até hoje pouco estudadas. Os elos entre dominação, cultura, sujeito e discurso literário, em nossa formação social, completam-se pela mediação do território e da territorialidade do poder. Tais mediações perpassam o concebido (através dos discursos e estratégias), o praticado e o percebido (na vida cotidiana) e o vivido (nos limites do inconsciente). O pensamento das elites, formado reflexivamente a partir de nossa matriz social antagônica, será fortemente marcado por um aspecto espacial e territorial. Segundo a boa reflexão de um geógrafo:

O Brasil não será concebido como um povo e sim como uma *porção do espaço terrestre*, não como uma comunidade de indivíduos, mas como um *âmbito espacial* [...], o povo sendo visto como *instrumento* na construção do país.¹¹

⁸ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: _____. *Obra completa*, cit., v. 1, p. 560 e p. 563.

⁹ *Ibidem*, p. 608.

¹⁰ Cf. além das obras de Schwarz e Pasta citadas, o texto fundamental de GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Introdução e Capítulo 6.

¹¹ MORAES, Antônio Carlos R. *Território e história no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 93-94. Grifos meus.

Neste nível, a obra machadiana põe-se em diálogo crítico com a *ideia de construção nacional*, que ia sedimentando-se no discurso dominante e em nossa literatura em formação, desde pelo menos o Arcadismo. Num segundo nível, o escritor pega o mesmo tema por baixo e pela raiz, pois a dominação social concretizava-se através de uma forte *territorialização do poder*, alcançando o âmbito da *prática cotidiana e da experiência vivida dos sujeitos*. Para realizar o moderno mundo das mercadorias em país escravista, o Capital tinha de passar necessariamente pela *mediação espacial concretamente vivida* no território, que se refletia numa estrutura de *subjetividade altamente mimética e especular*, que tinha, dialeticamente, grande força plasmadora sobre a própria sociabilidade. Nossa "literatura empenhada" há muito lidava com tais mediações territoriais, mais ou menos latentes e inconscientes, que objetivamente cimentavam diversos *laços locais e identidades provincianas*, não como traços meramente "culturais" ou "folclóricos" do caráter nacional, mas como elementos básicos das relações sociais do país "moderno", ainda há pouco mero território colonial português. Vejamos tudo isso agora por dentro.

Iaiá Garcia: entre a "pouca cousa" do passado e a "cousa nenhuma" do futuro

É consenso dizer que *Memórias póstumas de Brás Cubas*, escrito e publicado entre 1879-1880 (primeira edição em volume em 1881), foi um ponto de virada na obra de Machado. O que teria acontecido? A explicação biográfica acentua a chamada "crise dos quarenta anos", o agravamento da saúde em fins de 1878, o repouso de três meses em Nova Friburgo. Ali, durante suas primeiras férias, depois de décadas de meia-existência, entre trabalho burocrático, artístico e jornalístico, o escritor teria repassado sua trajetória de vida.¹²

Decerto, há evidências de que Machado teve lampejos da matéria de sua segunda fase desde muito antes: para ficar com um só exemplo, *Ressurreição* (1872), em certo sentido, já contém a análise de um proprietário ciumento e volúvel, meio morto, meio vivo – o que seria reescrito radicalmente em *Dom Casmurro*. Diversos

¹² Cf. PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 4 ed. São Paulo: Gráfica, 1949. Capítulo 12.

contos e crônicas também dão sinal das futuras "maneiras" do autor. Mas é com *Iaiá Garcia* (1878) que o romancista parece ter dado a primeira volta precisa na chave da porta da segunda fase. O impulso de virada, talvez, tenha sido a reflexão sobre os entraves da modernização e a crise do Segundo Reinado, após a Guerra do Paraguai e Lei do Ventre Livre, um tema subjacente em *Iaiá Garcia*, que retornará com muito mais força alegórica em *Quincas Borba* e em *Dom Casmurro*. O que fica em jogo na crise é a unidade do país, ou melhor, o Império patriarcal-escravista sob a égide da ideologia de construção social e territorial do país.¹³

Apesar da forma abafadiça e, no fundo, ainda conciliatória, o conteúdo explosivo do segundo Machado já está em boa parte represado em *Iaiá Garcia* (IG).¹⁴ Decerto, o tom do livro é solene e quase sem humor, seu ponto de vista narrativo é ainda convencional e algo conformista, almejando, segundo mostrou Schwarz, "racionalizar" e "civilizar" a ordem paternalista. Não sem tentar desmistificar as "ilusões" e "compensações imaginárias" dos favores prestados pelos dependentes, bem como as maneiras truculentas dos proprietários. O favor passa, porém, como norma irrecusável e necessidade prática, que tende a ganhar o aspecto "moderno" de impessoalidade, frieza subjetiva, dignidade moral, confundindo-se com o talento, a vontade e o esforço pessoais, valores pertencentes à ética burguesa do trabalho.¹⁵ Apesar das falhas, a análise do mundo patriarcal em modernização torna-se aqui muito mais incisiva que na prosa anterior. O romantismo trágico de *Helena* (1876), por exemplo, é superado, convertendo-se numa espécie de romantismo da desilusão. Por baixo da voz do narrador, o conteúdo excede sua forma manifesta, exprimindo a coisa social para além da forma e da voz narrativa explícita. Uma leitura a contrapelo nos leva à expressão latente, entranhada no conteúdo.

O romance põe a vida pública e o mundo moderno quase na penumbra para se concentrar nos detalhes da vida privada de uma célula patriarcal, no Rio de Janeiro, na segunda metade da década de 1860 até setembro de 1871. Na primeira parte, o romance enfoca a complicação amorosa entre Jorge e Estela. Na segunda, forma-se o triângulo

¹³ Cf. DUARTE, Cláudio R. O Brasil n'O espelho de Machado de Assis – Fisionomia da dominação social e territorial brasileira. Revista *Sinal de Menos*, n.º 4, 2010, <http://www.sinaldemenos.org/> (Acesso em 15.04.2010).

¹⁴ ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. In: _____. *Obra completa*, cit., v. 1. Doravante citado como IG, seguido do número da página.

Jorge, Estela e Iaiá Garcia, com a entrada de um quarto elemento complicador, a figura do negociante Procópio Dias – talvez a primeira personagem tipicamente burguesa, ao modo brasileiro, da galeria machadiana. Os elementos sociais e territoriais estão contidos nesse mundo privado de maneira *alegórica* – a forma moderna de expressão de uma história recalcada, sofrida e malograda (tal como estudada por Walter Benjamin).

Na primeira parte, o jovem bacharel Jorge é induzido a ir à Guerra do Paraguai por sua mãe Valéria, viúva do desembargador Gomes, porque esta recusa Estela, agregada da casa, como possível esposa para o filho – o que tem conotação variada, fortemente social, político-territorial e mesmo religiosa: da mesma forma que a Guerra significou *a manutenção e a expansão da unidade territorial do Brasil como Império escravista, às custas de enormes sacrifícios humanos e materiais*, a separação do casal, quase à força do sacrifício do próprio filho (sem mencionar a humilhação dos subordinados, Estela e Luís Garcia), também significa alegoricamente *a manutenção da unidade social dos proprietários*, i.é, a de *um país limpo das misturas de classe*. Algo que Schwarz ou mesmo Gledson pouco viram, a guerra se incorpora à trama dessa maneira sutil, algo frouxa, mas alegórica: a guerra no plano macro, a dos Estados, se complementa pela guerra de posições sociais no plano micro, o da família patriarcal e seus subordinados. Nos dois planos, a "paz doméstica" fica em xeque. Valéria, "graças à sua arte de assediar as vontades alheias" (IG, 313), dispõe não só dos dependentes como recursos e instrumentos manobráveis à vontade para seus fins, como se fossem atributos ou peças de seu território, mas também do próprio filho, que ganharia, em troca de Estela, na justificativa hipócrita e quase desvairada da mãe viúva, glória militar e patriótica.

Note-se o aspecto territorial das relações sociais desde as primeiras linhas do drama: Valéria pede, ou melhor, *exige* que Luís Garcia venha até *sua casa* na rua dos Inválidos, porque necessita de seus "conselhos" e "obséquios" para persuadir Jorge a ir para a guerra. A casa, a sala de visitas – tais são os lugares típicos do controle proprietário: "Luís Garcia sentou-se tranquilamente na cadeira que ela designou" (IG, 304). Valéria diz: "Entre nisto, *como eu mesma*, disposto a vencê-lo e convencê-lo". Não sem lutar, buscando uma posição de "neutralidade" e de conciliação, Luís aceita "*frouxamente*" o serviço (IG, 306, grifos meus). O funcionário público, devendo favores

¹⁵ Cf. SCHWARZ, Roberto. Iaiá Garcia. In: _____. *Ao vencedor as batatas*, cit.

ao desembargador e à viúva, procura *isolar-se* o mais possível na cidade: "desde 1860 elegera no lugar menos povoado de Santa Teresa uma habitação modesta, onde se meteu a si e a sua viuvez. Não era frade, mas queria como eles a solidão e o sossego" (IG, 300). Como vemos, o poder vem demarcado territorialmente: enquanto o proprietário *atrai* o subordinado para a sua toca, este tenta *afastar-se* ao máximo, procurando autonomia. Mas, tal qual os frades do morro prestam serviço ao governo quando este "precisava da espada canônica" (IG, 299), Luís Garcia presta serviços religiosamente, embora a frio, à família proprietária. De resto, ele vive, de fato, quase como um monge ascético: uma vida "taciturna e retraída", "sem aspirações nem saudades", fazendo na repartição seu "trabalho silencioso, com a fria serenidade do método" (IG, 300). A vida mutilada caracteriza-se, novamente, de maneira espacializada: "a casa era de poucos amigos; havia lá dentro a melancolia da solidão":

Não somente o teor da vida tinha essa uniformidade, mas também a casa participava dela. Cada móvel, cada objeto – ainda os ínfimos – parecia haver-se *petrificado*. A cortina, que usualmente era corrida a certa hora, como que se enfadava se lhe não deixavam passar o ar e a luz, à hora costumada; abriam-se as mesmas janelas e nunca outras. A regularidade era o estatuto comum. E se o homem amoldara as coisas a seu jeito, não admira que amoldasse também o homem (IG, 300, grifo meu).

Raimundo, "escravo e livre", criado alforriado da família de Garcia, é uma espécie de "duplo" pactário de Luís; no fundo, uma sombra reveladora da verdadeira figura e essência do dependente face a Valéria:

Raimundo parecia feito expressamente para servir Luís Garcia. Era um preto de cinquenta anos, estatura mediana, forte, apesar de seus largos dias, um tipo de africano, submisso e dedicado. Era escravo e livre. [...] Entre um e outro houve um pacto que para sempre os uniu (IG, 300).

Em tal ambiente sombrio e funesto, somente a menina Lina (Iaiá) Garcia, filha de Luís, representa algo de vida e movimento (na casa, esse o papel do jardim no quintal e do piano). A menina sonha em ser "mestra de piano", ter uma vida "independente"

(IG, 303). E será ela quem representará o "futuro" (IG, 331), a mobilidade, a transformação – quer dizer, não exatamente a independência, mas a ascensão social à classe dos proprietários na segunda parte do romance, em contraste com Estela, "orgulhosa" e renitente em suas pretensões de autonomia *moral* frente à cooptação dos proprietários. Algo que não a impede de *aceitar* algumas injunções *práticas* de Valéria: o dote e o casamento arranjado com Luís Garcia, o que dissolve a contradição armada num piscar de olhos.¹⁶ Por certo, as fortes convicções de Estela são, ao menos no plano dos ideais e do comportamento moral, opostas às de seu pai, o Sr. Antunes, antigo escrevente e *fac totum* do desembargador Gomes, aderente, adulator e serviçal (IG, 311-2), uma espécie de esboço do agregado José Dias. Ao mesmo tempo, Estela também não deixa de se adaptar ao curso imprevisível do capricho de Valéria, que ao cabo passa como aceitável e mesmo natural, tendo mesmo uma nota de afeto e gratidão em si. Para todos, assim, o narrador incluso, o direito de Valéria é um "tabu" inquestionável.¹⁷ Se por um lado há nisso muito de apologético, ao menos na forma em que é narrado (a artimanha de Valéria passa como uma "pia fraude", IG, 308), por outro, aguçando a observação realista, tal fato indica-nos o drama vivido pelos dependentes, o bloqueio das alternativas em país escravista. O outro é o mesmo, ou quase o mesmo, nunca a diferença e a contradição viva. Luís reproduz-se até o fim como um tipo de morto-vivo social, e uma mínima liberdade burguesa será alcançada por Estela só ao fim do livro, quando recebe convite de uma amiga para tornar-se professora no norte de São Paulo – assim, o preço será a *exclusão territorial*, a migração para um lugar *afastado* do núcleo patriarcal e também da *vida urbana* da Corte.

Do lado dos proprietários, Machado força a marcação da mudança do nosso *ancien régime* (que na cidade assumia o aspecto de casa "meio patriarcal", IG, 314) para o período propriamente de modernização e crise imperial, quando faz morrer Valéria (aos 48 anos) e traz à baila Procópio Dias, um especulador e negociante que faz fortuna espúria com a Guerra, através de fornecimentos para o exército brasileiro.¹⁸ Da mesma forma, se após a Guerra o Império começa efetivamente a entrar em crise (no longo processo que leva à Abolição), Jorge também volta da guerra "mudado", senão transtornado (apesar das contenções analíticas do narrador): na segunda parte, por isso,

¹⁶ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 189.

¹⁷ *Ibidem*, p. 191.

sua volubilidade de proprietário dândi se exorbita, particularmente após o reencontro com Procópio Dias. De fato, o moço inteligente já tinha a imaginação "vaga, tumultuosa e estéril" e "padecia um pouco de fatuidade, que lhe diminuía a bondade nativa" (IG, 307). Daí alguns de seu traços francamente quixotescos, quando prestes a se lançar voluntariamente na guerra:

ele via já naquilo uma aventura romanesca e misteriosa; sentia-se uma ressurreição de cavaleiro medievo, saindo a combater por amor de sua dama, castelã opulenta e formosa que o esperaria na varanda gótica, com a alma nos olhos e os olhos na ponte levadiça. (IG, 311).

De passagem, note-se a geografia do poder paternalista contida no lance que leva Jorge à guerra. Jorge e Estela,

posto vivessem na mesma casa, era difícil acharem-se nunca a sós, porque a filha do escrevente passava todo o tempo ao pé da viúva; circunstância que não teve a virtude de mudar o curso aos acontecimentos. Não podendo passar de palavras gerais e estranhas ao que lhe quisera confiar, Jorge falava-lhe com os olhos – linguagem que a moça não entendia, ou fingia não entender. A imperturbável seriedade de Estela foi um aguilhão mais, não menos cruel que a gentileza de suas formas, e certo ar de resolução que lhe transparecia do rosto quieto e pálido. (IG, 313)

Para defender-se de Jorge, Estela aproxima-se de Valéria, como um cão aos pés da "protetora". Novamente: distância e evitação do lado dos dependentes, atração e assédio por parte dos proprietários, criando uma espécie de "cerco vexaminoso",¹⁹ do qual é impossível sair. De modo característico, Jorge irá investir sobre Estela num território "deserto", livre dos olhos alheios – numa outra casa da família Gomes, um *sobrado vazio e em reforma, para alugar no arrabalde*. Ali, precisamente numa varanda, perdendo na ocasião a "lucidez do espírito" (IG, 316), Jorge primeiro incita a moça, que resiste indignada, depois a força e lhe rouba beijos. Um pombo que ela segurava no colo esvoaça e retorna à casinha, simbolizando sua própria situação no

¹⁸ Cf. GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*, cit., p. 309 e p. 310.

¹⁹ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, cit., p.186.

círculo/cerco territorial familiar. Como interpreta Schwarz, "o resultado surpreendente de tanta sensibilidade moral é o imobilismo. De fato, é melhor que fiquem todos em seu lugar e conheçam a sua condição."²⁰ Com vergonha do feito e para ferir e vingar-se de Estela, Jorge alista-se como capitão de voluntários.

Depois de quatro anos em combate, nos quais luta de forma destemida e procurando a própria morte, Jorge volta como herói, com a patente de tenente-coronel. Homem maduro, agora ele evita a casa de Luís Garcia, Estela e Iaiá, mas acaba frequentando *a casa do outro*, atraído pela antiga agregada da família. Seus projetos intelectuais giram no vazio e dão em nada. Filho único herdeiro de família rica, não precisa mais trabalhar. Numa nova cena passada na casa para alugar, o narrador caracteriza-o em sua definitiva máscara de caráter: "Jorge assumira exclusivamente o papel de proprietário" (IG, 338). O velho impulso erótico, que levava Jorge para além dos limites (os beijos forçados em Estela), converte-se agora em verdadeira "ideia fixa" (IG, 348). Ele aguarda o doente Luís Garcia morrer. Mas, por uma descontinuidade inesperada, a ideia fixa transforma-se em pura miragem de um homem cujo espírito já não para quieto no lugar, que quer tudo e parece poder tudo. O desejo instável, errante, destrutivo, atrela-se a vários objetos num território social ampliado, aqui, vale frisar, principalmente os da *casa alheia, a dos antigos dependentes*. Como mostra Schwarz, as descontinuidades e súbitas perdas de tensão da primeira parte são reforçadas na segunda, alcançando o nível da *forma* da composição. A volubilidade proprietária, "o arbitrário do paternalismo[,] está enfim transformado em princípio formal, ainda que pouco desenvolvido: o seu movimento é o movimento do enredo".²¹ Assim, teremos duas grandes partes descontínuas, capítulos que não se coordenam, ação principal sem direção particular.²² Como nas obras da segunda fase, a experiência do tempo e dos objetos fragmenta-se em uma forma imediata de *tempo espacializado*, capturada nas contingências, no sabor das aparências e dos lances imaginários, na qual o movimento de negação dialética tende a patinar e travar.

* * *

²⁰ Ibidem, p. 185.

²¹ Ibidem, p. 197.

²² Cf. Ibidem, p. 202.

Na segunda parte do romance, *mimetizando o desejo de Procópio Dias* – na verdade, duelando e confundindo-se com ele –,²³ Jorge aos poucos, "entre duas xícaras de chá" (como dirá Estela, *IG*, 402), passará a querer a pretendida do negociante, Iaiá Garcia.²⁴ Menina que, diferente de Estela, incorpora todas as artimanhas da "dissimulação" e dos "saltos mortais do espírito" (*IG*, 370) que a escola do favor e da dependência ensina aos deserdados. Por isso, a metáfora da vida social no romance é, tal como no *Quincas Borba* mais tarde, a de um campo territorial de luta: tal como dizia Jorge sobre a guerra no Paraguai ("Era preciso vencer ou ser vencido", "Na guerra é preciso matar ou morrer", *IG*, 336 e 343), no cotidiano fluminense trata-se também de um campo de batalha imaginário, instável como... um "jogo de xadrez", em que Iaiá ganha a figura saltadora do "cavalo" (*IG*, 364):

Das qualidades necessárias ao xadrez, Iaiá possuía as duas essenciais: vista pronta e paciência beneditina; qualidades preciosas na vida, que também é um xadrez, com seus problemas e partidas, umas ganhas, outras perdidas, outras nulas. (*Ibidem.*)

"Vista pronta" significa, aqui, atenção ao *território* de combate social, às posições reais (no sentido material-espacial do termo) e imaginárias dos oponentes; "paciência beneditina", uma virtude ligada ao tempo espacializado, à subjetividade de comando, à capacidade de planejamento tático e estratégico, fingimento e sagacidade. As complicações "naturais" do casamento, convertido nesse desenrolar em negócio suscetível aos interesses e cálculos mais variados, levam às complicações "sociais" generalizadas entre proprietários e dependentes. O narrador utiliza-se aqui, aliás, da noção de "natureza social" (*IG*, 322 e 334). Como na segunda fase, trata-se da percepção da história como segunda natureza, embora sem o ácido irônico que também a rebaixa a metafísica social grotesca. Na fachada, a jovem Iaiá busca conquistar Jorge para "salvar a paz doméstica" (separando definitivamente Jorge de Estela). Subentende-

²³ "Travaram relações, não íntimas, mas frequentes e agradáveis, e até certo ponto úteis a Procópio Dias, que obteve de Jorge mais de uma recomendação. Não obstante a frequência das relações, estavam longe da amizade estreita; e isso, não por esforço de Procópio Dias, cujas maneiras fáceis *assediam* por muito tempo a inexperiência de Jorge." (*IG*, 339, grifo meu).

²⁴ Veja-se uma interpretação análoga, mas com base na teoria antropológica do "desejo mimético" de R. Girard, feita por: GINWAY, M. Elisabeth. Iaiá Garcia: romance de transição na obra machadiana. *Hispania*, v. 78, n. 1 (Mar., 1995), p. 33-42, aqui p. 40.

se no relato, porém, que ela se apaixona por Jorge também por certo duelo especular e mimético com sua madrasta Estela. Como no caso de Jorge, seu desejo é *o desejo do seu outro especular*.²⁵ Não por acaso, os semelhantes nesse romance sempre se atraem: Jorge termina com Iaiá,

imperiosa como uma matrona, travessa como uma criança, incoerente e enigmática [...] aquela mistura de franqueza e reticência, de agressão e meiguice [...] fazia dela uma personalidade; mas a fisionomia era ainda confusa e a personalidade vaga. (IG, 369)

A moça serve como um *espelho* revelador do próprio espírito *infantil* de Jorge. "Iaiá" – termo derivado de sinhá, tratamento familiar usado para meninas e moças desde a época colonial – tornar-se-á a verdadeira Sinhá da família Gomes. Valéria falece em março de 1870, ao final da Guerra. Se a velha autoridade, na figura estática e pesadona de Valéria, já era o terror do capricho travestido hipocritamente de patriotismo, agora a autoridade, na figura do filho, atualiza-se com o par ideal (para Eulália faltava "um grão de romanesco", IG, 313), na figura da jovem Iaiá, aberta e disposta a completar sua ascensão de classe. De alto a baixo na escala social, reproduzem-se ampliadamente *a volubilidade, o mimetismo e os duelos de morte, a mortificação e a dissimulação dos interesses*, que são um tanto *friáveis e descontínuos* como a própria trama, seja do lado de proprietários (como apontou Schwarz), seja do lado dos dependentes (numa gradação que leva do Sr. Antunes a Iaiá, até o polo mais resistente, formado por Luís Garcia e Estela).

Ao fim, Iaiá é o oposto imanente ao modelo de Estela, pois adaptou-se ao curso do mundo patriarcal em vias de modernização. O limitado narrador machadiano, no entanto, ainda pinta, para o novo casal, a máscara do amor romântico. Iaiá não deixa de ser uma variante do Sr. Antunes, mais jovial, astuta e dissimulada. Daí sua associação à figura do cavalo do xadrez. Já o lema pragmático do *fac totum*, tal como o do futuro José Dias, era o da adaptação "homeopática" ao curso do mundo:

²⁵ Cf. GINWAY, M. Elisabeth. Iaiá Garcia: romance de transição na obra machadiana, cit., p. 40.

[...] debaixo do sol, nem tudo são vaidades, como quer o Eclesiastes, nem tudo perfeições, como opina o Dr. Pangloss; entendia que há larga ponderação de males e bens, e que a arte de viver consiste em tirar o maior bem do maior mal (IG, p.312).

Note-se como temos aqui, no *páthos* sobrevivencialista dos dependentes, uma lógica de base algo semelhante ao Humanitismo de *Quincas Borba* e à homeopatia em *Dom Casmurro* (não por acaso introduzida na casa da família Santiago por José Dias).

Ao final, a crise do paternalismo certamente *não alimenta ilusões de progresso*, mas antes, de *acomodação a ele*, nas novas condições sociais. Contudo, isso vem à custa da mortificação e do sacrifício da vida dos dependentes e mesmo dos proprietários. Tal como Capitu ou Rubião, Estela torna-se uma espécie de *pharmakós* ou bode expiatório social.²⁶ No último capítulo, torna-se professora e afasta-se, mas "tinha já certeza de que o passado era pouca cousa e de que o futuro seria cousa nenhuma" (IG, 406). Uma frase lapidar – e não por acaso, nas últimas linhas, vemos a coroa de flores por ela depositada no túmulo de Luís Garcia. O final feliz do novo casal, no primeiro plano da voz narrativa, elude o desencanto geral do fundo, que é fúnebre: "o naufrágio das ilusões" (IG, 407), derradeira frase do livro, corresponde ao *naufrágio do próprio país*, enquanto este ainda reproduz a ordem patriarcal-escravista, em plena crise do Império.

Eis então o nosso primeiro grande "romance da frustração",²⁷ primeiro grande ensaio da viravolta. Machado já não estava para brincadeira. Sua segunda fase será fundamentalmente o encontro com as formas adequadas de expressão dessa matéria truncada e descontínua, que além do enredo e do ritmo frustrado, abarcará a composição dos capítulos curtos, das personagens ambíguas e volúveis, do ímpeto filosófico delirante e derrisório, da frase irônica e envenenada, do próprio espaço romanesco, como um amplo desfile dos proprietários, com seu olhar e presença territoriais, que terão talvez o seu ponto culminante em *Dom Casmurro*. O que só confirma a importância primordial da forma na grande literatura.

²⁶ Cf. GINWAY, M. Elisabeth. Iaiá Garcia: romance de transição na obra machadiana, cit., p. 41.

Cláudio R. Duarte
Universidade de São Paulo
São Paulo, SP

Cláudio R. Duarte é professor de geografia, mestre e doutorando no Departamento de Geografia da USP e atualmente bolsista do CNPq. Tem publicado artigos sobre Machado de Assis na revista digital *Sinal de Menos* ("O Brasil n'O espelho de Machado de Assis: fisionomia da dominação social e territorial brasileira" e "A loucura com método: o delírio e o humanitismo em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*"), além de alguns artigos sobre a literatura moderna e o campo das ciências sociais. E-mail: duarteclaudio@yahoo.com.br

²⁷ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*, cit., p. 230.